



MAIS SOBRE O CAMINHO INACIANO...

O nosso Presidente percorreu o Caminho de Santiago com dois amigos peregrinos um ano depois de Tiago. Atravessar a montanha até Azpeita no meio do nevoeiro foi uma aventura, assim como a descida de Montserrat até Manresa. A visão dos abutres nas falésias de Peñas de Aradon foi um espetáculo emocionante (ver foto à direita).



Os poderosos abutres podem ser vistos claramente os poderosos abutres a voar de e para os seus ninhos



Basílica de Nuestra Señora del Pilar, Saragoça, nas margens do Rio Ebro (com a Puente de Santi-ago ao longe)



La Cueva. Santo Inácio escreveu os seus exercícios espirituais na caverna que agora tem uma igreja ornamentada e um mosteiro sobre ela.



Porta Santa no Santuário de Loyola



Vista do Monasterio de Montserrat a partir do túnel de acesso



Mosteiro de Montserrat (também no Caminho Catalão)



O CAMINHO INACIANO

Inácio

Nascido em 1491, Inácio era o 13º filho de uma nobre família basca. Quando tinha 30 anos, o seu joelho direito foi destruído por uma bala de canhão, pondo assim fim à sua carreira militar. Parte de uma perna foi amputada - na altura não havia anestésicos - e os médicos avisaram-no para se preparar para a morte. Perante a possibilidade da morte e do fracasso, Inácio começou a refletir sobre o seu passado e o seu futuro. Durante a sua convalescença na casa da família em Loyola, mergulhou na vida dos santos. Decidiu dedicar o resto da sua vida ao serviço de Deus. Deixou a sua família, a sua casa e todas as suas riquezas e começou a sua primeira peregrinação de Loyola a Montserrat e depois a Manresa.



Cena do quarto de dormir - imagem de Santo Inácio

O Caminho Inaciano

A nossa viagem começou em Loyola. Recuámos no tempo na casa da família de Inácio. Tornou-se óbvio que esta seria uma viagem como nenhuma outra - a metade inferior da casa era construída em pedra. Não tinha janelas, apenas torres através das quais eram disparados canhões de fogo contra o inimigo. Uma ideia da vida de Inácio antes da sua conversão. A parte de cima foi construída em tijolo, mais tarde, com janelas. O Padre Joseph celebrou-nos a Missa no quarto onde se deu a sua conversão.

Começámos a nossa caminhada seguindo os passos de Santo Inácio. A Genevieve e eu fazíamos parte de um grupo de 15 pessoas com o Padre Joseph Lluís Iriberrí SJ, o nosso guia turístico. Fizemos muitas férias em família e viagens juntos. No entanto, nunca tínhamos viajado em grupo, exceto numa viagem de negócios ao Japão e à China durante 8 dias. E esta viagem foi de 25 dias!

A subida e o leito pedregoso do riacho

Subimos uma montanha escarpada. Os restos de cabanas de pastores estão espalhados pelas encostas escarpadas. Toda a nossa bagagem é transportada numa carrinha. Tudo o que temos de fazer é caminhar! Não estávamos a trabalhar a cuidar das ovelhas e a dormir nestas cabanas frias e solitárias. Chegámos ao cume.

O nosso especialista em coordenadas GPS anunciou que tínhamos subido 900 metros. Começámos uma descida íngreme ao longo de um leito de riacho seco e pedregoso. E foi nesta descida que comecei a ter dificuldade em andar com a perna direita. De alguma forma, consegui chegar ao fundo.



O cume



Nessa noite ficámos no Arantzazu, um belo albergue que é propriedade da mesma família há 400 anos. Não pude deixar de pensar naqueles pastores nas encostas das montanhas, em comparação com a nossa vida muito afortunada.

Orgulho depois da queda Genevieve sugeriu que ela carregasse a minha mochila. Depois de tudo parecia que eu estava

a andar numa só perna. Eu não sabia que o meu andar era tão "invulgar", por isso tirámos fotografias. Tive de admitir que não tinha bom aspeto. Mas eu não queria ser dissuadido. Não tinha vindo nesta viagem para não completar a caminhada e carregar a minha mochila! Um colega peregrino acompanhou-me na última parte



A temida úlcera

da caminhada nesse dia. Não houve qualquer menção às minhas dificuldades óbvias e à minha dor. Lembro-me de uma longa conversa sobre "graffiti". Foi uma distração maravilhosa, pela qual fiquei muito grato. E aprendi muito sobre como lidar com os "graffiti".

Estava a aparecer uma úlcera na minha perna. Após mais dois dias de caminhada, a úlcera estava a piorar. Por sorte, tínhamos um dia livre em La Guardia - uma visita ao médico, creme de cortisona e repouso.

Passaram-se mais 3 dias até que a úlcera começasse a melhorar. Eu tinha continuado a andar com a úlcera e talvez fosse apenas o meu orgulho que me manteve com dores durante todo este tempo, mas valeu a pena!

O mestre das surpresas

Habituaamo-nos rapidamente à nossa rotina típica. Acordar às 6h15. Jejum às 7.00 Oração às 7.30. Cantar a canção do peregrino. Começar a caminhar em silêncio durante as primeiras 2 horas. Terminar a caminhada às 14 horas. Almoço. Procura de alojamento. Visita de locais. Missa. Jantar. Cama.

Mas, na maior parte das vezes, os nossos dias eram também cheios de surpresas. Depois de deixarmos Araia no sexto dia, terminámos as nossas primeiras duas horas de caminhada numa pequena aldeia. Pai



A subida para Montserrat

Antes da Missa, ficámos a conhecer a vida e a obra de Pedro Claver. Ficámos no lugar onde ele nasceu, visitámos o seu santuário, passeámos pela cidade, vimos um vídeo sobre ele e depois a Missa. Pensar na obra da sua vida e celebrar a missa na sua cidade natal foi um momento muito especial. As palavras do Padre Joseph durante a Missa ficaram comigo - "Há mais escravos no mundo hoje do que nos tempos da escravatura de São Pedro Claver!" A população mundial cresceu exponencialmente desde o tempo de Pedro Claver, mas será que o número de escravos cresceu a um ritmo mais rápido?

Montserrat

Chegámos a Montserrat num fim de semana de celebrações especiais. Montserrat acolhia uma região particular de Espanha e estava repleta de pessoas e actividades.

Manresa e Barcelona

Terminar a nossa caminhada em Manresa foi um feito. Tínhamos percorrido 505 km. Visitámos as cidades antigas de Manresa e Barcelona e passámos algum tempo na gruta de Manresa, incluindo a última missa do nosso Caminho. A gruta foi onde Inácio escreveu os seus exercícios espirituais. Mais tarde, ele fundou a Companhia de Jesus, conhecida como a ordem dos jesuítas.

Reflexão

A rotina da caminhada tinha-se tornado simples. Neste artigo, concentrei-me no primeiro verso da canção do peregrino: "Somos peregrinos em viagem". Depois há o segundo verso. As primeiras duas horas de cada dia de caminhada do peregrino foi percorrido em silêncio. Caminhar com outro peregrino em silêncio foi uma experiência única. Apreciei a companhia dos meus colegas peregrinos, tanto em silêncio como depois do silêncio. Guardei com carinho tanto o silêncio como a companhia deste Caminho. "Somos companheiros de caminho".

James Hill (SA)



Festas de Montserrat



Santo Inácio e Padre José

Ao dobrarmos uma esquina, lá estava ela em toda a sua majestade. Era de cortar a respiração, sabendo também que tínhamos pela frente uma subida ainda mais íngreme.

O Padre Joseph baixou-se e apanhou uma concha do mar. Todos olhámos para baixo e vimos muitas conchas no caminho à nossa frente. Pensar que, no alto destas montanhas, existiu outrora um fundo marinho, ultrapassava a minha compreensão.

Missa

Na introdução à nossa peregrinação, o Padre Joseph mencionou que haveria missa nos dias 1, 2 e 3, mas não necessariamente todos os dias. Bem, isso não era verdade. Tivemos Missa muito mais vezes do que esperávamos, mesmo nos chamados dias de folga. Pensámos que os dias de folga significavam cafés, compras, etc. Errado - os dias de folga significavam apenas dias em que não andávamos a pé. E, na maior parte das vezes, implicavam missa. Comecei a anseio pela missa no final de cada dia.

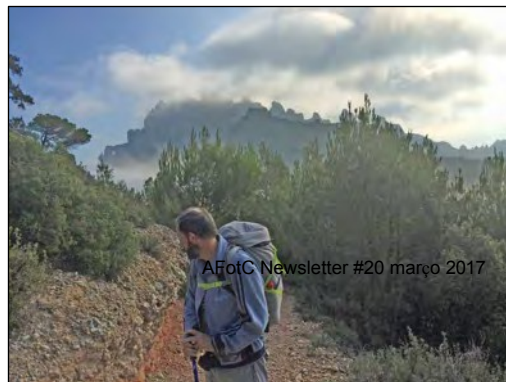
As conchas do mar!

Verdu

O noticiário da televisão espanhola apanhou-nos à chegada a Verdu.

<http://www.tarrega.tv/una-quinzena-de-pelegrinos-australianos-fan-el-cami-ignasia/>

Para mim, a missa mais memorável foi a de Verdu - onde nasceu São Pedro Claver - 'o escravo dos escravos' no dia 26 de junho, 1580.



AFotC Newsletter #20 março 2017



Joseph levou-nos a um albergue. Esperámos lá fora.

Muito rapidamente o proprietário veio cumprimentar-nos com uma fatia de bolo de sobremesa para cada um de nós. Depois, levou-nos para um edifício com um aspeto muito desativado. Quando destrancou a porta da frente e entrámos, o edifício era tudo menos abandonado. Era uma igreja lindíssima, com um conjunto espantoso de figuras esculpidas que adornavam o santuário.

O povo espanhol

Atravessámos 3 culturas muito diferentes, cada uma com o seu próprio dialeto - primeiro o País Basco, depois a Espanha e finalmente a Catalunha. Tentando entender 3 línguas não fez muita diferença para mim. O meu espanhol é praticamente inexistente



Por isso, qualquer compreensão da cultura deles só podia vir da minha própria observação.

Em todas as cidades que visitámos, senti uma sensação de comunidade bastante diferente da Austrália. Em Adelaide, cada casa/apartamento tem 3 caixotes do lixo, 2 dos quais estão alinhados nas ruas todos os dias de semana de manhã. Em Espanha, existem caixotes de lixo comunitários para resíduos/reciclagem. Estes estão situados em pontos estratégicos de uma aldeia. É muito mais sensato, simples e eficaz. E uma comunidade que contribui para o seu funcionamento.

Nas grandes vilas/cidades, as pessoas viviam todas em apartamentos e perto umas das outras. À noite, depois das 21 horas, as avenidas enchiam-se de gente, de famílias. Em

Genevieve na nossa chegada ao albergue

Zaragoza Lembro-me bem de ver uma mãe a passear pela avenida principal com o seu filho de 5 anos e a sua mãe idosa ao lado. 3 gerações a rir, a falar e a desfrutar da companhia umas das outras.

Ao longo da parte desértica do nosso Caminho, tomámos um caminho diferente por causa de uma festa e "não havia lugar na estalagem". Por isso, fomos a pé até Pina de Ebro. Esta



AFotC Newsletter #20 março 2017